

ESTEVÃO ALVES DE MAGALHÃES

.....Foi na Provincia de Minas Geraes que Estevão Alves de Magalhães teve o berço.

Seus paes, o capitão José Alves de Magalhães e d. Maria Josepha de Magalhães e possuidores de honesta fortuna, adquirida como legitimo proprietarios de terrenos de mineração, nada pouparam dessa fortuna nem de seus honestos exemplos para o fazerem crescer; amparado dos principios da sciencia e de uma pura e santa Moral.

Quando tiveram de dar-lhe mestres para sua primaria educação foram preferidos os de melhores costumes publicos e particulares.

Chegado a idade de escolher uma profissão independente, preferiu a Pharmacia, e na sciencia que reclama dos que a ella se dedicam tantos desvelos e cuidados.

Sua educação profissional foi confiada a um dos mais habéis e conceituados pharmaceuticos da Provincia, o qual para logo se tornou o melhor amigo do discipulo por encontrar nelle espacidade para comprehender a sciencia, moralidade para respeitar os deveres que ella impõe, docilidade e attenção para com todos.

Concluida a sua tarefa de discipulo, fez seus exames com unanime approvação, e foi depositar nas mãos de seus queridos progenitores o honroso titulo scientifico que acabava de ganhar a custa sómente de suas fadigas e estudos.

Constituido assim pharmaceutico, continou a tratar a seu antigo mestre com a mesma obediencia, com o mesmo respeito e attensões que antes e como ao seu egual não fora já.

Logalmente auctorizado a exerceu por si só a profissão nobre que escolhera, longe de estabelecer se no lugar de seu nascimento para o que nem lhe mingoavam meios, nem as instancias de seus parentes e amigos.

Outras foram suas intenções.

Mais sobre ambição que não a dos lucros enchia sua alma.

Ambicionava sciencia, desejava honrar por ella a profissão que adoptara, e a sciencia o chamava para longe do lugar do seu nascimento.

Sabendo que nesta corte existia um laboratorio de chimica, creado pelo sabio ministro o conde da Barca, de saudosa memoria o que essa sciencia, sem a qual, pharmaceutico não passa do simples costumeiro, era alli professada theoretica e praticamente, obteve a licença de seus paes para vir á corte estudar; e aos 20 annos de idade, acompanhado das benções paternas, chorado por seus amigos da infancia, saudoso deixou a patria e a todos.

Apenas chegado a Corte, procurou logo o sabio Conde, que verdadeiro amigo das sciencias e des que por ellas se entusiasmavam, dou-lho valiosa protecção, e mandou-o admittir em seu laboratorio que era administrado e dirigido pelo muito honrado e sabio pharmaceutico o sr. José Caetano de Barros.

Com este estudou e praticou chimica com tanto aproveitamento que pouco tempo depois substituiu a seu mestre na pratica das mais difficis preparações conhecidas da sciencia daquella epocha.

Não muito depois teve Estevão Alves de Magalhães de lamentar com verdadeira gratidão e sincera amizade a morte do illustre Conde seu protector.

Esta morte foi uma perda sensivel para elle e uma fatalidade para o paiz.

Por essa occasião desenvolveu-se em sua alma desejo inco:prehensivel de visitas a America vizinha, pelo que, no espaço de 5 annos verificou diversas viagens ao Rio da Prata, onde não só commerciou honradamente, como foi fiel e attento observador da politica, usos e costumes de seus habitantes.

Do volta da sua ultima viagem estabeleceu na rua da Pedreira da Conceição um bem montado laboratorio de Chimica, no qual pondo em pratica seus conhecimentos antigamente adquiridos preparava em grande escala, todos os productos que se podiam fabricar no paiz, e com que fornecia muitos collegas da Corte, fazia remessas para as provincias, e para a America, onde tinha viajado e deixado sympathias e honrosas relações commerciaes.

Em 1833 estabeleceu na rua dos Pescadores seu laboratorio pharmaceutico, que não tardou a gosar do bem merecido credito, tornando-se igualmente um valioso recurso para os enfermos pobres: nenhum desgraçado a elle se chegou, que, por mingua de dinheiro, morresse mingua de remedios, qualquer que fosse o valor delles; e tudo isto era feito sem ostentação, porque o amor do proximo, a verdadeira philantropia e não o charlatanismo e o embuste, guiavam a mão bem-fezida do honrado pharmaceutico.

Leal, franco e prestavel para com os amigos, a muitos fez valiosos serviços, por muitos se expoz a tranzes bem arriscados, o que de todos é sabido e notorio.

Generoso para com os inimigos, que os teve em grande numero e rancorosos por effeito da opinião politica, de um só não se vingou

a muitos valeo, a todos perdoou, porque sua alma para não aninhava o rancor, não gerava a vingança.

Os que o estudaram no lar domestico, no recinto da vida privada, sempre o conheceram marido attencioso, paiz desvelado pela ventura de seus filhos, homem probe e recto em todos os tractos da vida.

Senhor:

tendes visto traçado, com as cores mais veridicas, o que foi Estevão Alves de Magalhães, como filho o paiz, como amigo o pharmaceutico: admirai-o agora como cidadão em face de seus deveres para com a patria; admirai-o seu nobre, puro e desinteressado patriotismo, que algumas vezes tocou o exaltamento, porque, si o passaro que esvoaça nos campos e nos bosques, em busca do incerto alimento, exposto a ser preza do zibute e outros perigos que o cercam, he mettido em dourada gaiola abastecido de saboroso grão, de crystallina agua achando aberta a porta, lá vai gorgendo alegre, sacudindo a multicolor plumagem, parar nos campos: e nos bosques, onde ha os risecos que na gaiola não corria, e só porque está lá a patria e a sua liberdade

Si o patriotismo a todos faz preferir as brenhas em que nasceram ás sumptuosas, porém extranhas cidades; como criminar a quem como E. Alves de Magalhães, em todas as relações sociais ostendia os braços de preferencia aos que com elle tinham nascido, debaixo da mesma isolada celeste aboboda, brincado e colhido flores nos matizados e sempre verdes campos da terra de Santa Cruz?

No entretanto, he tambem verdade geralmente conhecida, que graves, porém calumniosas accusações, sobre elle lançaram obsequados inimigos das liberdades publicas.

Desde que no Brazil pisou-se o systema representativo, não foi mais no intimo de sua alma, nem no toio de seus confidenciaes amigos que E. Alves de Magalhães expandiu as ideias livres que desde a infancia deixava perceber, e publicamente em todos os lugares, em presença de todos.

Quando nos campos do Ipiranga as vizes de todos os brasileiros reunidas na augusta voz de um só homem saltaram o brado «Independencia ou Morte», E. Alves de Magalhães, banhados os olhos de jubilosas lagrymas, prostado ante o Deus das Nações, lhe deu graças por assim ter quebrado os ferros coloniaes que roxeavam os pulsos da Patria

Conhecendo elle que a imprensa é o vehiculo do pensamento, o pharol electrico que leva rapido as ideias e as doutrinas, praticou esforços e fadigas, despendeu zelo e fortuna para o estabelecimento de uma das primeiras typographias particulares, que se criou na Corte.

Não satisfeito com este poderoso meio de diffundir as luzes, escrevia continuamente a seus amigos das provincias aconselhando-lhes e pedindo-lhes que fossem nellas os apóstolos da regeneração patria.

Quando em 1831, nesse dia tremendo em que todos os elos da cadeia social se tinham quebrado; quando só o bom senso, a exemplar morigeração do povo brasileiro, seu decidido amor e idolatria pelos augustos penhores que lhe foram confiados, foi capaz de manter a ordem e sustentar a paz do Estado, Estevão Alves de Magalhães foi visto por todos e no meio de todos hasteando o pendão salvador da Monarchia, o proclamando o esquecimento do passado, o perdão para os vencidos.

Membro activo e muito influente do partido que nessa occasião tomou sobre si a direcção da náu do Estado, nunca dessa influencia elle se aproveitou para prejudicar adversarios, nem beneficiar-se a si, só trabalhou para a patria.

Hoje mesmo que dello fallam, fazem quinze annos, que importante serviço a ella prestou

Convencido de que a punição immediata e certa, porém feita com moralidade das primeiras faltas, e mesmo dos crimes de menor gravidade, rouba muitas victimas ao cadafalso e ao algoz muitas cabeças, conhecendo que a ociosidade e a miseria por falta de trabalho são a fonte de todos os males da Sociedade, o illustre pharmaceutico fez traduzir em linguagem vulgar e espalhar por toda a parte o systema penitenciarario dos Estados Unidos e empenhou-se até conseguir que se fizesse a casa de correção que entre nós está se construindo.

Aquelles que no futuro deverem sua probidade e honrosos meios de subsistencia aos regulamentos desse importante estabelecimento, terão de abençoar a memoria de Estevão Alves de Magalhães.

Em 1833 foi escolhido pelo voto livre e espontaneo dos Fluminenses para Vereador da Camara Municipal desta cidade, á qual já havia prestado valiosos serviços, accitando a nomeação de uma Commissão de saúde publica para o exame de viveres, drogas e remedios.

Foi pela Camara de que fez parte encarregado de trabalhos no pio estabelecimento, o antigo Seminario de S. Joaquim.

Egualmente foi por ella nomeado provedor de saúde, lugar que dava annualmente de emolumentos para cima de um conto de réis, cujo producto em todo o quadriennio foi por elle generosa e nobremente applicado para a factura de caes da praia dos Mineiros, que, por deliberação da Camara se estava construindo, e que ora por elle administrado com zelosa actividade e scrupuloso criterio.

Que exemplo tão digno de ser imitado!

Que patriotismo tão desinteressado e puro!

Hoje que já não vive aquelle que o praticou, quanta honra se faria a sua memoria, quanta emulação produziria, si este facto fosse gravado com caracteres indeleveis, em uma das pedras do mesmo caes!

Estevão Alves de Magalhães foi membro effectivo da Sociedade Defensora da Liberdade, e seu proceder, como membro della, esteve em perfeita harmonia com seu titulo.

Foi egualmente membro das Sociedades Amantes da Instrucção e da Auxiliadora da Industria Nacional, cujos fins uteis e de grande interesse para a nação, não podiam deixar de merecer ao seu digno membro o zelo que desenvolvia por todas as cousas de publica utilidade.

Quando o Governo do Estado se dignou elevar a antiga sociedade de Medicina do Rio de Janeiro á categoria de Academia Imperial, foi seu nome inscripto entre o dos membros titulares, e fazendo parte da secção de Pharmacia, na qual concorreu sempre com poderoso contingente para os progressos da sciencia, e extirpação dos imensos abusos introduzidos na pratica della.

Pelo lado religioso, seus actos formam um quadro de perfeição, onde todas as cores estão collocadas em perfeita harmonia com os actos de sua vida interna.

Na Irmandade da Santa Casa de Misericordia, serviu diferentes lugares de Mesa com fervor e devota dedicação.

Serviu com verda'eira dedicação os enfermos pobres e tractou com afieco e caridade dos encarcerados.

Nas ordens Terceira de S. Francisco de Paulo e Carmo occupou cargos e alem das grandes despesas que acarretam, fez outros trabalhos, proprio só de um verdadeiro amor de Deus.

Na Ordem Terceira de N. S. do Carmo, a de sua mais predilecta devoção, forneceu por espaço de quasi quatro annos e gratuitamente todos os medicamentos precisos para o curativo de seus numerosos irmãos, enfermos recolhidos no hospital da mesma Ordem.

Charlatões que para enriquecer-vos toloz os dias abusais do nome de Deus, de sua santa relegião e dos pobres que elle tão bondosamente acolheu o amou!

Desgraçados que, nem ao menos respeitastes a dor augusta que ha pouco fez derramar lagrymas nos degrãos do Throno Imperial, arrependei-vos, vindo aprender de Estevão Alves de Magalhães a praticar philantropia.

Cansado finalmente das immensas fadigas por que havia passado, retirou-se para ilha de Paquetá, onde possuia por sua unica fortuna, uma linda casa, aprazivelmente situada, onde foi procurar repouso.

Alli foram os ultimos dias de sua existencia, dias de verdadeiro martyrio e de indizivel soffrimento.

Acommettero horrivel enfermidade cerebral.

Seus membros tornaram-se paralyticos, suas faculdades foram gradualmente se enfraquecendo, e gota á gota, foi tragando com resignação todo o caliz da amargura e das dores, até que, no dia 25 de Dezembro de 1846, expirou nos braços da esposa e do filho, e em face de um Deus misericordioso, que o fez nascer e morrer no mesmo dia em que Jesus seu divino filho, tambem veio ao mundo no humilde presepe de Belém, longe do bulleio da cidade; de um Deus que,

tudo combinando como recta justiça, deu-lhe seus ultimos soffrimentos, para neste mundo de misérias expurgal-o de algumas lozes faltas proprias da fragilidade humana, e depois recebel-o puro na eterna mansão dos justos.

Foi na Festa do Natalicio do Jesus Christo no dia 26 de Dezembro, na era de 1792, na Villa de S. João D'El-Rey, provincia de Minas Geraes, que Estevão Alves de Megalhães viu a luz pela primeira vez.

Foi egualmente na festa do Natal, 54 annos menos um dia depois na Ilha de Paquetá do Rio de Janeiro, no dia vinte e cinco de Dezembro de 1846, que elle deixou de existir, e no dia vinte e seis, quando se completavam cincoenta e quatro annos, foi seu corpo sumido para sempre, debaixo das frias abobadas de uma sepultura.

Que contraste, Senhor, entre uma e outra epocha, entre um e outro dia!

Em 1792, na Villa de S. João D'El Rey, ora o leito nupcial vestido de gallas, contendo uma oriança que acabava de nascer e futuro aberto para ella!

Eram o riso, as alegrias e os parabens dos amigos, eram as lagrymas jubilosas dos paes que, com as mãos estendidas sobre essa oriança a abençoavam em nome de Deus Nascido!

Em 1846, na Ilha de Paquetá, no leito das dores coberto de lacto, amortalhado em grepe; juncto d'elle hum feretro, sobre o qual estava estendido o cadaver frio de hum homem que não sentia as ardentes e copiosas lagrymas que cabiam dos macerados olhos da virtuosa esposa e do filho e que não ouvia o arfar dos peitos dos amigos que o cercavam e que, áquella hora, iam levar-lhe o adeus dorradeiro!

Eram os ultimos cantos funebres da Religião do Christo e por fim o tumulo, a eternidade, e o nada!...

O Nada!... Não, Senhor! porque a virtude não morre, e Estevão Alves de Megalhães foi virtuoso!

Seu corpo sumiu-se, ho verdade, mas sua alma bendita subiu á mansão Divina; mas sua memoria viverá sempre na memoria da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

Ezequiel Corrêa dos Santos. ()*

(*) Elogio Biographico lido na Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e publicado na *Gazeta Official* — N. de 4 de Agosto de 1847.